

Da Formação Cultural do Tradutor no Ensino Superior: Algumas Reflexões

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

It goes without saying that the current political situation in many parts of the world implies that the study of culture and of cultural identity has become an important item for scholarship.

[...] Issues related to culture and cultural identity seem to be and will remain the issues of the coming decades of the new millennium.

Rien T. Seghers, 2000

Se existe hoje um consenso entre os formadores em torno da necessidade de dar uma preparação específica a quem pretende vir a ser tradutor profissional, idêntico consenso nem sempre se verifica nas propostas pedagógicas concretas delineadas pelas instituições de ensino. O quadro actual da oferta de formação de grau superior para a tradução oferecido em Portugal é disso o reflexo, sendo várias as diferenças entre as escolhas orientadoras dos cursos vocacionados para a formação do tradutor, em particular naqueles criados mais recentemente. A variabilidade dos modelos torna-se mais patente no elenco das disciplinas e das matérias respectivas, mas também nas opções teóricas e metodológicas de ensino, ora situadas no campo de uma verdadeira inovação, ora próximas ainda de uma cautelosa tradição.

Proponho-me apresentar aqui algumas observações relativas à componente científica e disciplinar, designada genericamente por Cultura, e frequentemente inserida nos planos curriculares. São reflexões fundadas na experiência ainda recente da criação e implementação do plano de formação de tradutores na Universidade de Évora.¹

¹ O curso de Licenciatura em Tradução da Universidade de Évora teve início no ano lectivo de 2002-2003, tendo sido reestruturado de acordo com as orientações propostas pelo modelo dito de Bolonha em 2003-2004.

Trata-se de uma das componentes mais complexas e, também, menos definidas da formação, apesar de ser inequívoca e unanimemente reconhecida como intrínseca ao cabal exercício da profissão. Por um lado, é da ordem da evidência que, no termo da sua formação, o tradutor tenha um domínio da dimensão dita técnica da sua futura prática (no sentido lato) enquanto profissional, fundado numa correcta e eficaz articulação entre saber e saber-fazer, entre uma bagagem cognitiva e uma aptidão confirmada para mobilizar conhecimentos úteis no momento oportuno. Mas se, por um lado, admitimos sem grande reserva que é possível treinar os alunos de modo a cumprirem esse objectivo, por outro lado, nem sempre se verifica um entendimento claro e consensual do modo como a sua aprendizagem poderá - ou deverá - contribuir para formar esses futuros tradutores de modo a darem a melhor resposta à intrínseca dimensão cultural da sua função.

Treinar e/ou formar, seria essa a questão?... O debate não é novo, mas poderá ter ganho hoje uma redobrada pertinência, e por isso requererá uma redobrada atenção. De facto, à luz do actual panorama dos saberes e das competências de que dispõem aqueles que iniciam uma (ou qualquer) formação de grau superior no contexto académico contemporâneo, a questão da oferta de uma formação - e sobretudo informação - cultural estruturada do aluno torna-se cada vez mais pertinente. E parece inegável que é em primeiro lugar na própria elaboração dos planos de estudos dos cursos que essa dimensão cultural da formação deve de forma responsável ser assumida e materializada.

1

Na verdade, se considerarmos apenas a bibliografia existente sobre o assunto, produzida e publicada a nível nacional ou internacional, é hoje inegável que a problemática global da formação do tradutor, em particular a das opções metodológicas e práticas a serem tomadas neste tipo de ensino, mas também a do elenco das áreas disciplinares a serem envolvidas, já encontra respostas reflectidas - e fiáveis -. Resultam geralmente de debates teóricos e/ou de experimentações práticas realizadas no contexto académico, por vezes em feliz articulação com apoios, esclarecimentos e informações vindas da própria profissão, dos tradutores individualmente ou, com maior grau de responsabilização, das suas organizações ou instâncias de carácter sócio-profissional².

² No caso do curso da Universidade de Évora, as orientações foram analisadas e debatidas com representantes da Associação Portuguesa dos Tradutores e da Representação portuguesa do Serviço de Tradução da Comissão Europeia.

No caso português, por razões diversas, as propostas curriculares mais recentes de formação do tradutor surgiram, na sua maioria, nos departamentos das Universidades tradicionalmente vocacionados para o ensino de matérias - consagradas em áreas científicas ou grupos disciplinares - como: as línguas estrangeiras, a linguística, a cultura e a literatura. São, por isso, em grande parte, resultado de processos de adaptação ou de reconversão de currículos de formação já existentes (nomeadamente em línguas estrangeiras como as licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas ou em Ensino de Português combinado com uma língua estrangeira).

Apesar de reconhecerem que, pela sua finalidade e pelo seu perfil, a preparação do tradutor profissional com vista à sua inserção no mundo contemporâneo supõe o recurso exigente a modelos formativos específicos, os departamentos ou as faculdades procuraram evitar a destabilização assim suscitada pela sua irrupção repentina num contexto de docência há muito estabilizado. Muitas vezes bem informados, mas nem sempre próximos da problemática actual da formação profissional e do próprio exercício da tradução, os responsáveis pela elaboração dos planos curriculares optam por propostas intermédias que procuram manter uma certa aproximação dos modelos tradicionais de formação em matéria de línguas consoante a maior ou menor abertura das instituições para a inovação. De facto, uma leitura comparada dos planos curriculares dos cursos existentes no ensino superior português actual, permite concluir que, na sua maioria, estes optam pela inclusão de diversas áreas disciplinares que constam geralmente dos planos dos chamados «cursos de línguas» em vigor nas escolas e instituições.

Mas, se as disciplinas da tradução ditas «técnicas» acabam por encontrar um acolhimento satisfatório nas instituições mais habituadas a um ensino dito «teórico», também podemos constatar, à luz dos percursos formativos existentes, que, apesar da variabilidade do seu objecto, a área de ensino designada pelo termo genérico «cultura» tende para marcar uma presença importante e continuada nas cargas horárias ou creditações dos currículos. Simultaneamente, nos modelos até hoje discutidos e implementados, sobretudo em currículos de grau académico superior, esta área disciplinar revela uma certa instabilidade e o seu lugar e estatuto afiguram-se bastante desequilibrados, ora estando excessivamente presentes na carga disciplinar e horária - e tendencialmente identificados com um conteúdo predominantemente literário -, ora estando omitida ou ainda «diluída» e disseminada na formação, em nome de uma suposta e duvidosa omnipresença do que é designado por «cultura» na totalidade das produções discursivas incluídas nos textos que constituem a matéria-prima das disciplinas específicas de treino do tradutor, etc.

De facto, a disciplina assim denominada, bem como o seu lugar na formação

do tradutor, suscita e levanta alguns problemas, continuando a carecer do benefício que retiraria de uma análise crítica conjunta, entre formadores das diversas áreas dos cursos, ou até entre os formadores de tradutores mais bem preparados e experimentados: a cultura ensina-se? de que cultura falamos no caso da formação do tradutor? e, admitindo que a inclusão da componente lectiva denominada cultura tenha uma pertinência efectiva: «como ensinar a cultura?»

É certo que as interrogações relativas à escolha de um modelo de ensino da cultura na formação do tradutor - refiro a questão basilar da inclusão ou não de disciplinas próprias de (e para) tal matéria - reenviam para questões prévias, mais vastas, mas certamente decisivas para qualquer orientação da formação a construir: qual é o conceito de cultura a ser adoptado preferencialmente? qual é o de tradução e das funções do tradutor que a formação pressupõe? e qual é a relação que o plano de formação pretende estabelecer entre tais conceitos?

Num entendimento mais restrito da tradução como uma operação fundamentalmente ou meramente linguística ou técnica, que lugar atribuir à vertente cultural da aprendizagem? No caso de um entendimento mais amplo da tradução como forma de comunicação privilegiada nos dias de hoje, «para além das línguas», como elaborar uma formação capaz de satisfazer os requisitos necessários para profissionais da tradução e da comunicação destinados a serem integrados num mercado de trabalho multilingue e intercultural?

Na verdade, a oposição que acaba de ser enunciada - linguística vs. comunicação - não resiste à experiência: a componente cultural é inseparável da prática da tradução e, por conseguinte, do próprio percurso formativo. Está presente no processo do traduzir, na tríade «língua, sentido, expressão» tal como é analisada por Snell Hornby (1988) quando aponta para uma perspectiva interdisciplinar da tradução. Também os trabalhos levados a cabo em tradutologia, uma disciplina nascida da investigação do fenómeno na sua globalidade e nas suas complexas e múltiplas dimensões, puseram em relevo, desde finais dos anos 80, o papel cultural da tradução no momento da «viragem cultural» ou *Cultural Turn* da disciplina (Bassnett e Lefevere). São hoje conhecidas as teses dos estudiosos da Escola de Telavive (Even-Zohar, G. Toury) e as discussões que suscitaram acerca da tradução e do seu lugar na planificação da cultura, ou ainda os estudos de caso do mais mediático Lawrence Venuti (1998) que apresenta os «escândalos da tradução» para pôr em relevo o papel da tradução no interface entre cultura fonte e cultura de chegada e determinadas estratégias de tradução que manipulam a identidade e a diferença cultural. O conceito de identidade cultural torna-se, assim, necessário quando duas culturas são comparadas ou entram em contacto, como é caso na tradução. Na nossa sociedade globalizada, a tradução acaba por contribuir, por via de regra, para a sobreposição

ou apagamento de fronteiras culturais e políticas, em conflito com o princípio do pluralismo linguístico ao qual compete assegurar e preservar a multiplicidade das filiações culturais³ que, para muitos, não deixa de representar um obstáculo mais para a comunicação: as consequências linguísticas do último alargamento da comunidade europeia são disso exemplo. A imprensa diária⁴ assinalou, na ocasião, os progressos imparáveis da língua inglesa, uma das duas línguas-pivot (a segunda ainda é o francês) e já também língua-franca da máquina comunitária que não seria capaz de dar resposta às 380 combinações que representaria o recurso à tradução directa de língua à língua... E se o mesmo artigo abre com uma citação de Umberto Eco: «La langue de l'Europe est la traduction», a conclusão também constata: «Dans ce contexte, l'Europe élargie ne sera pas Babel. Elle a trouvé le don des langues: c'est l'anglais».

É lícito admitir que é na atenção dedicada à dimensão cultural da função do tradutor que residirá hoje uma melhor defesa das identidades bem como das diferenças culturais. Mas, se bem que possa ser apresentada como a mais vocacionada para assegurar a formação cultural do tradutor, a disciplina classicamente leccionada sob a designação de Cultura, seguida em geral pelo adjectivo que nacionaliza e delimita o seu âmbito, poderá, no contexto contemporâneo, não esgotar nem as matérias, nem o entendimento do que nessa área se poderá ou deverá incluir: «In most parts of today's world cultural borders no longer coincide with national borders; cultural diversity within one nation-state is more the rule than the exception.»⁵ Nesse sentido, na abordagem da problemática das relações interculturais do nosso tempo, e do que se entende hoje por fronteiras, a orientação desejável para a formação cultural do tradutor já tem nas propostas de Anthony Pym (2000) elementos de clarificação. Ao tradutor cabe a responsabilidade de, distanciando-se de tradições nacionais, agir como agente intercultural, que estabelece contactos e relações dinâmicas entre as culturas, que negocia as fronteiras culturais, hoje mais activas e menos estáveis, e que, como intermediário, tem o poder de influenciar o devir das inter-relações culturais, tendo em atenção o uso ético do seu crescente poder intercultural.

³ Lothar Baier desenvolve em *À la Croisée des langues* (1997) uma reflexão em torno da problemática das línguas, em particular dos valores associados ao plurilinguismo face a um monolinguismo crescente comandado pela «língua dos computadores» no mundo contemporâneo.

⁴ Ver, por exemplo, os artigos publicados no jornal *Le Monde*, na sua edição de 18-19 de Abril de 2004, sobre o último alargamento europeu.

⁵ Rien T. Segers, "Literary Dynamics", in *Links for the Site of Literary Theory*, Leuven University Press, 2000, p.385.

2

Optando por um entendimento da formação cultural do tradutor derivado de tais pressupostos, podemos retomar a pergunta inicial: como ensinar (a) cultura que deverá sensibilizar o aluno para a função e as responsabilidades que acabamos de referir? Como assegurar na formação do tradutor as diversas vertentes da natureza cultural do traduzir (enquanto processo) e da tradução (o que resulta do processo) com uma igual percepção do papel privilegiado da tradução na «construção das culturas»⁶.

No caso da licenciatura criada na Universidade de Évora, a resposta situa-se em duas áreas: no plano de estudos, elemento estruturante indispensável para uma condução lógica e coerente da formação, da sua leccionação e da sua avaliação - em articulação com um perfil de formador recomendado -, e no aproveitamento das potencialidades de oferta geral, não curricular, nos âmbitos local, regional, nacional e internacional.

O plano de estudos procura estabelecer um equilíbrio entre as componentes práticas e teóricas do ensino da tradução enquanto fenómeno multifacetado. Trata-se de um curso de formação inicial com a duração de quatro anos que confere aos alunos o grau de licenciados. Destinado a dar resposta à procura do mercado de trabalho, mas também a satisfazer a vontade de diversificação da oferta de ensino do Departamento de Linguística e Literaturas, o projecto do curso surgiu no final dos anos 90, beneficiando à partida de vantagens não desprezíveis: uma experiência de docência em línguas estrangeiras no departamento que assegurava desde início dos anos 80 um ensino de língua de especialidade para todos os cursos leccionados na Universidade nas línguas francesa, inglesa, espanhola, alemã e italiana; e a possibilidade de aproveitamento e de reformulação de áreas de saber experimentadas num outro modelo de formação: o dos dois cursos de formação de professores de Língua Estrangeira e Portuguesa - os conhecidos cursos via Ensino nos quais as áreas científicas de Língua/Linguística, Literatura e Cultura partilhavam com as Ciências da Educação planos de estudos integrados. Mas, tendo em vista consagrar um indispensável equilíbrio entre um ensino prático e um ensino geral e teórico relativos a determinados aspectos conexos do fenómeno da tradução, impôs-se, na primeira fase de reflexão sobre o plano curricular, proceder a uma revisão e uma nova articulação das matérias e das disciplinas que acabamos de referir. De facto,

⁶ A expressão é retirada da obra de Susan Bassnett e André Lefevere (1998). Ver nomeadamente o estudo de caso apresentado por André Lefevere no cap. 3 "Translation Practice(s) and the Circulation of Cultural Capital: Some Aeneids in English" que sublinha o papel da tradução na "circulação do capital cultural".

enquanto actividade de comunicação construída pela e na interferência entre as línguas e os discursos, a prática da tradução profissional requer um modelo de formação que integre a problemática do contacto entre as línguas e as culturas, na sua diversidade irreduzível. Daí o carácter interdisciplinar da formação proposta, concretizada numa cooperação na organização dos domínios de conhecimento, tanto na elaboração dos conteúdos programáticos como numa sinergia de competências docentes visando uma finalidade comum no respeito da especificidade de cada um deles. As áreas tradicionais de saber e de ensino asseguradas pelo Departamento - Língua, Linguística e Cultura - foram associadas ao plano curricular a partir de pressupostos identificados com a especificidade da formação a ser oferecida, e portanto necessariamente novos no Departamento.

Assim, em complemento da inovação representada pelo curso proposto - bem patente na estrutura curricular que assenta, além de um tronco comum, numa vasta oferta de disciplinas de opção nos dois últimos anos em diversos domínios de saberes (Ciências Humanas e Sociais, Artes, Economia, Direito, Ciências Exactas, da Natureza, Engenharias, etc.) -, os conteúdos programáticos procuram responder de forma adequada aos objectivos fixados. Para a área das disciplinas de Língua, o ensino das línguas estrangeiras (Inglês e Francês) situado no primeiro ano propõe o aperfeiçoamento e o aprofundamento de conhecimentos (lexicais e sintácticos) aplicados de maneira privilegiada a estratégias de leitura do texto escrito, e procura igualmente facultar conhecimentos sobre a língua estudada - a sua história e evolução, a sua posição no mundo e no conjunto das outras línguas - recorrendo a materiais especializados e de divulgação que estimulem o debate crítico sobre tais questões. Do mesmo modo, o estudo da língua materna/portuguesa - área nova de docência para os linguistas do Departamento - presente nos primeiros quatro semestres do curso, visa introduzir, sobretudo, problemáticas de terminologia portuguesa e de redacção especializada, e também de pesquisa e documentação lexicográfica aplicadas à tradução. O conteúdo da componente científica das Linguísticas portuguesa, inglesa e francesa inscreve-se preferencialmente na área da análise de discurso e das ciências da comunicação. Juntam-se às línguas duas disciplinas de Línguas e Culturas clássicas, uma obrigatória e outra opcional, nas quais a componente linguística é apresentada e estudada em articulação com o estudo do conjunto do legado civilizacional greco-latino numa perspectiva da sua permanência no mundo actual, quer nos prolongamentos da herança linguística, quer nas raízes dos principais valores da nossa sociedade. Deste modo, nas disciplinas referidas anteriormente, e perante a necessidade da inovação, o objectivo de dinamizar a formação cultural do aluno levou a uma revisão da tradição pela selecção de estratégias e conteúdos de ensino renovados.

Mas a incidència da reforma empreendida revelou-se mais importante nas disciplinas da área científica da Cultura. Inscrito no plano de estudo no segundo ano do curso, o ensino da cultura procura identificar o contexto de instabilidade das fronteiras profissionais e geográficas relativas ao tradutor e à tradução, e visa informar e preparar o futuro tradutor para uma realidade plural, dando-lhe os elementos metodológicos e teóricos necessários para a sua compreensão. No curso, a orientação adoptada privilegia o estudo e o entendimento do modo segundo o qual as culturas, entendidas no sentido antropológico do termo, se relacionam entre si. A partir do quadro estimulante da observação e análise de casos ou temáticas, este ensino constitui o universo de referência para o formando, confrontado com uma selecção de manifestações concretas do encontro das culturas e das relações interculturais, encarado como um fenómeno dinâmico e variável, não-linear, mas marcado por confrontos, interferências ou sobreposições.

Assim, de acordo com tais orientações, que não restringem o estudo da(s) cultura(s) às matérias tradicionalmente escolhidas para dar corpo às disciplinas academicamente consagradas das culturas nacionais - francesa, inglesa, alemã, etc. segundo o princípio identificador «nação-língua» da tradição romântica europeia -, optou-se pela adopção da temática central da comunicação intercultural e do encontro das identidades e da alteridade, e por uma designação nova da área de estudos, agora denominada Relações Interculturais, e organizada em três disciplinas. De modo a estruturar os conteúdos dessas três disciplinas semestrais - uma obrigatória e duas opcionais complementares -, o seu conteúdo programático⁷ constrói-se em torno de eixos temáticos seleccionados, e assenta na pesquisa de casos representativos capazes de estimular o debate pelos alunos de temáticas actuais. Situados no campo da sociologia e antropologia, da geografia e politologia, no confronto das práticas culturais, destacam-se alguns temas como a situação das línguas no mundo e na Europa, a emigração, as minorias, o desaparecimento de culturas, a articulação entre tradição e modernidade, etc..., acompanhados pela análise crítica dos significados do próprio conceito de cultura e da sua evolução, da problemática da identidade e da alteridade, das relações entre o global e o local. Alguns estudos de caso contemporâneos, escolhidos pelos alunos a partir de dados empíricos, por vezes retirados de experiências pessoais vividas e inscritos num quadro de cruzamento intercultural, de miscigenação ou de hibridismo cultural, etc. apoiam uma leccionação que procura estabelecer um contacto entre o escolar e o vivencial, estimular a questionação de preconceitos estabelecidos pelos discursos instalados, privilegiar o exercício da palavra dialogada e da escuta tolerante e incentivar a

⁷ Ver os programas relativos ao ano lectivo 2002-2003 nos anexos 1 e 2.

revisão de percepções generalizantes e redutoras da complexidade da realidade que nos rodeia.

Além das componentes exteriores ou indirectamente associadas ao plano de estudos, é no contexto mais vasto da instituição universitária, da sua oferta diversificada tanto local como internacional, que a formação cultural se pode prolongar, desde a acessibilidade dos recursos bibliográficos e humanos nas bibliotecas e nos centros de investigação até à promoção de eventos de natureza científica e artística, etc. Por exemplo, ao longo do primeiro ano de funcionamento, em 2002-2003, os alunos do curso contactaram com conferencistas externos como Yves Gambier (Turku, Finlândia) especialista da tradução nos medias, Francisco Magalhães, especialista da problemática da profissão do tradutor, e o linguista Mário Vilela, que apresentou um breve seminário sobre Linguística e Tradução. Os alunos do curso promoveram uma Jornada com mesas-redondas sobre temas como língua materna e tradução; tradução literária e tradução técnica que contou com o tradutor profissional Miguel Magalhães do Serviço de Tradução da Comissão Europeia; os contactos com o British Institute proporcionaram um atelier com Maeve Olohan da UMIST, especialista da investigação sobre os corpora de tradução. Participaram ainda em eventos na Universidade e fora dela como o Seminário da União Latina de 2003 em Lisboa, um colóquio sobre Mestiçagem, em Maio deste ano, diversos ciclos de conferências organizadas e promovidas por diversos departamentos ou Centros de Investigação, etc.

Acrescente-se uma última nota: a condição essencial para alcançar resultados satisfatórios passa certamente pelo estímulo e incentivo dados pelos formadores, questão que não debatarei aqui. Mas é claro para a direcção do curso que o perfil do formador do tradutor na Universidade tradicional deverá ser repensado em termos transversais: a tradução implica uma formação que atravessa todas as disciplinas do plano de estudos, e uma eficaz coordenação entre docentes reverterá para a qualidade humana e científica do conjunto do trabalho realizado. Por exemplo, as áreas disciplinares da área científica da Tradução, onde se encontram as disciplinas de Pesquisa em Tradução, Metodologia, Prática e Teoria da Tradução que foram criadas de raiz e complementadas por duas disciplinas de Informática, uma de iniciação e outra de aplicação à Tradução, são entendidas como zona privilegiada de cruzamentos interdisciplinares e de convergência dos saberes. Por exemplo, na formação teórica, a disciplina de Estudos de Tradução propõe uma iniciação à abordagem científica da tradução segundo uma perspectiva descritiva e histórica da tradução como fenómeno cultural e visa levar o tradutor em formação a progredir na sua aprendizagem, apoiado numa reflexão sobre a tradução tal como existe nas

culturas, a partir de um conhecimento da sua função enquanto factor de transformação das sociedades, etc.

O entendimento do conceito de cultura com o qual pretendemos trabalhar partiu de uma revisão do próprio conceito: analisado numa perspectiva histórica, teve em conta a sua transformação desde uma acepção herdada do período iluminista europeu até à percepção mais abrangente da amplitude dos fenómenos da cultura hoje, dando origem, noutra dimensão, a uma área de estudos própria, talvez ainda em busca de estabilidade, a dos Estudos Culturais. Mas a rapidez das mudanças na nossa época torna quase efémeras as configurações dos sistemas ao nível planetário, e os analistas apontam já novos contextos, para uma era da pós-globalização: "Our own Globalization, with its technocratic and technological determinism and market idolatry, had thirty years. And now it, too, is dead" (Saul 2004). Assim, a formação do tradutor não pode prescindir de uma atenção informada e crítica à evidente complexidade do mundo contemporâneo e, sobretudo, à sua instabilidade e constante transformação. Assim, talvez a denominada cultura do tradutor resulte - apenas e sobretudo - num modo de se situar perante esta complexidade e de nela ser capaz de intervir, em suma, numa forma de cidadania actuante porque esclarecida e humanamente empenhada. Na realidade, à nossa pergunta inicial «como formar culturalmente o tradutor», não podemos deixar de juntar uma outra interrogação, muito simplesmente: «como ensinar a ser tradutor?»

Bibliografia

- BAIER, Lothar, *À la Croisée des langues*, Actes Sud, 1997
- BASSNETT, Susan & André Lefevere, *Constructing Cultures. Essays on Literary Translation*, Multilingual Matters, 1998
- ANDRÉ LEFEVERE, "Translation Practice(s) and the Circulation of Cultural Capital: Some Aeneids in English", in Bassnett, Susan & André Lefevere, 1998
- DELISLE, Jean et Hannelore Lee-Janhke (dir.), *Enseignement de la traduction et traduction dans l'enseignement*, Ottawa, Presses de l'Université d'Ottawa, 1998
- GABET, Dominique, "La traduction: discipline ou interdiscipline ?", in Delisle, Jean et Hannelore Lee-Jahnke (dir.), 1998, pp.107-113
- PYM, Anthony, *Negotiating the Frontier. Translators and Intercultures in Hispanic History*, St Jerome Publishing, 2000, pp.1-12
- PYM, Anthony, "Translators, Intercultures and Hispanic Frontier Society" in Pym, 2000
- PYM, Anthony, "Training for Globalizing Markets", in Pym, 2000, pp.220-240
- SAUL, John Ralston, "The Collapse of Globalism and the Rebirth of Nationalism", in *Harper's Magazine*, vol. 308, n° 1846, March 2004, pp. 33-44
- SNELL-HORNBY, Mary, *Translation Studies: an Integrated Approach*, Amsterdam & Philadelphia, PA: John Benjamins, 1988, revised edition 1995
- VENUTI, Lawrence, *The Translator's Invisibility*, London & New York, Routledge, 1995
- WEILL, Nicolas, "La frontière, anachronique ou indispensable?", *Le Monde*, août 2004

ANEXO 1

Universidade de Évora
Departamento de Linguística e Literaturas
Curso: Licenciatura em Tradução-variante Inglês/Francês
Ano: 2003-2004

Disciplina: Relações Interculturais I
Semestre 3 - 2º Ano
Carga horária semanal: 2 aulas teóricas e 2 aulas práticas
Total semestral: 56 horas

Relações Interculturais I

1. Objectivos

A disciplina de «Relações Interculturais I» pretende contribuir para a formação cultural do aluno em tradução. Tem uma incidência específica na diversidade das formas que as relações entre as culturas podem apresentar, na sua identificação, descrição e análise, com particular destaque para o papel da comunicação intercultural pela via da tradução.

2. Metodologia

A metodologia seguida para a leccionação da disciplina articula duas vertentes:

- uma série de aulas teórica e expositivas centradas a aquisição de conceitos e noções essenciais no estudo da cultura;
- uma série de aulas práticas reservadas para o estudo de casos e a organização de debates temáticos (ver Ponto 3.4. do Programa).

3. Programa

3.1. Introdução.

3.1.1. A noção de Cultura: diversidade das teorias e das definições de cultura. O contributo da antropologia e da sociologia. As componentes da cultura: valores, normas e práticas.

3.1.2. A diversidade das culturas. Etnocentrismo vs. relativismo cultural.

3.1.3. A transmissão da cultura: a socialização. Processos e meios de socialização.

3.1.4. Cultura e integração social: a cultura como componente da sociedade. Adaptação e conformidade social.

3.2. Relações interculturais.

3.2.1. O encontro das culturas como dinâmica da História. A aculturação.

3.2.2. Culturas e estratégias: a regulação intercultural.

3.3. Comunicação intercultural.

Especificidade da comunicação entre culturas diferentes. Identidade cultural e alteridade.

3.4. Estudo de casos.

- relações entre as línguas e diversidade linguística internacional;
- o turismo;
- os fenómenos migratórios na Europa e no mundo;
- o papel dos médias na internacionalização da cultura de massa;
- um caso de relações interliterárias: as traduções literárias portuguesas entre 1930 e 1950;
- outros casos propostos pelos alunos.

4. Bibliografia

ANDERSON, B., L'Imaginaire national, Paris, La Découverte, 2002 (original Imagined Communities,

- Londres, Verso, 1983)
- BAUMAN, Z., Globalization. The Human Consequences, Polity Press, 1988
- BAUMAN, Z., Community. Seeking Safety in an Insecure World, Polity Press, 2002
- BOURDIEU, P. & J.-C. Passeron, Les Héritiers. Les étudiants et la culture, Minuit, 1964
- CERTEAU, M., La Culture au pluriel, Gallimard, 2002
- CLIFFORD, J., Malaise dans la culture, Éditions de l'ENS Beaux-arts, 1996
- CONSTANT, F., Le Multiculturalisme, Flammarion, 2000
- CUCHE, D., La Notion de culture dans les sciences sociales, La Découverte, 2001
- DURING, s., The Cultural Studies Reader, Routledge, 1993
- ELIAS, N., La Civilisation des mœurs, Calmann-Levy, 1994
- GALISSOT, R., Le Pluralisme culturel en Europe, L'Harmattan, 1993
- GEERTZ, C., Savoir local, savoir global, les lieux du savoir, Presses Universitaires de France, 2000
- GEMDEV, Mondialisation : les mots et les choses, Karthala, 1999
- HALL, E. T., A Dimensão oculta, Relógio d'Água, 1986
- HOBBSAWM, The Invention of Tradition, Cambridge University Press, 1996
- JOURNET, N. (coord.), La Culture. De l'universel au particulier, Éditions Sciences Humaines, 2002
- KUPPER, A., Culture, the Anthropologist's Account, Harvard University Press, 1999
- LÉVI-STRAUSS, Anthropologie structurale I, Plon, 1996
- SANTOS, José Manuel Figueiredo, Transformação contemporânea da experiência turística, (tese), 2001
- TODOROV, T. (org.), "Le Croisement des cultures", Communications, n°43, Seuil
- WILLIAMS, R., Culture & Society, The Hogarth Press, 1982

ANEXO 2

Universidade de Évora
Departamento de Linguística e Literaturas
Curso: Licenciatura em Tradução-variante Inglês/Francês
Ano: 2003-2004

Disciplina: Relações Interculturais II
Semestre 4 - 2º Ano
Carga horária semanal: 4 aulas teórico-práticas
Total semestral: 56 horas

Relações Interculturais II

1. Objectivos

A disciplina de «Relações Interculturais II» inscreve-se na área complementar de formação cultural do tradutor e pretende oferecer ao aluno alguns meios de análise, compreensão e interpretação do quadro contextual no qual a sua futura intervenção profissional terá lugar.

2. Metodologia

A metodologia seguida contempla duas vertentes de formação:

- a aquisição dos conhecimentos relativos às grandes áreas de caracterização do mundo contemporâneo e às relações entre as diversas identidades e culturas;
- a interpretação de documentos seleccionados com vista à exemplificação prática das questões analisadas;

3. Programa

3.1. Apresentação das temáticas principais para uma compreensão do mundo contemporâneo:

- diversidade macro-regional e pluralidade interpretativa;
- redes de comunicação e circulação de bens e pessoas; uma «sociedade-mundo»;
- mutação nas relações internacionais; regulação das interdependências político-económicas;

- globalização económica; diversidade das interpretações;
 - transformação das sociedades e afirmação dos valores modernos : individualismo e tolerância.
- 3.2. Aprofundamento e análise crítica de duas áreas de trabalho:
- 3.2.1. Identidade e mutações sociais no mundo actual: as relações entre indivíduo, grupo e sociedade;
- 3.2.2. O conceito de nação: análise e interpretação de um conceito. Raízes históricas e problematização actual dos conceitos de nação e nacionalismo.

4. Bibliografia de apoio

- ANDERSON, Benedict, *L'Imaginaire national*, Paris, La Découverte, 2002 (original *Imagined Communities*, Londres, Verso, 1983)
- CHOSSUDOVSKY, Michel, *A Globalização da pobreza e a nova ordem mundial*, Lisboa, Caminho, 2003 (parte VI «A nova ordem mundial», pp.407 sqq.)
- Courrier de la planète, <http://www.solagral.org>
- Courrier international, <http://courrierinternational.com>
- HERMAN, Andrew & Thomas Swiss, *The World Wide Web and Contemporary Cultural Theory*, Routledge, 2000
- HOBBSAWM, *Nations and Nationalism since 1780*, Cambridge University Press, 1990
- HOPKINS, Anthony G. (dir.), *Globalization in World History*, Norton & Company, 2002
- " La mondialisation en débat ", *Sciences Humaines*, nº17, juin-juillet 1997
- Le Monde diplomatique, <http://www.monde-diplomatique.fr> (consultar também a edição em língua portuguesa)
- LECLERC, Gérard, *La Mondialisation culturelle. Les civilisations à l'épreuve*, Presses Universitaires de France, 2000
- " Nations et nationalismes ", *Sciences Humaines*, nº61, mai 1996 (número disponibilizado em fotocópia; ver bibliografia apresentada no dossier)
- RUANO-BORBALLAN, Jean-Claude, "Introduction: la construction de l'identité ", in J.-C. Ruano-Borballan (coord.), *L'Identité*, Paris, Éditions Sciences Humaines, 1998, pp.1-13
- WARNIER, Jean-Pierre, *La Mondialisation de la culture*, Paris, La Découverte, 1999